



Controvérsias em rede de ciberativismo: experimento prático com uso da Teoria

Ator Rede¹

Ana Paula COELHO²

Patrícia AZAMBUJA³

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

RESUMO: Neste trabalho propomos uma análise ciberespaço e os movimentos sociais feministas inseridos nele a partir de sua mobilização em torno de um tema. Ao utilizar as plataformas digitais esses agentes buscam informar, gerar discussões e aglutinar pessoas em torno de pautas sociais. Iremos partir do dia 28 de setembro de 2014, dia de mobilização pela legalização e descriminalização do aborto na América Latina e Caribe, a partir de movimentação no ciberespaço identificaremos características dos movimentos feministas em rede digital e os impactos do tema no social.

PALAVRAS CHAVE: ciberespaço; ativismo; feminismo; comunicação

Nas últimas décadas vimos crescer uma sociedade cada vez mais informatizada, conectada às novas tecnologias da informação que dinamizaram os processos comunicativos e as trocas de conhecimento entre pessoas de diversos grupos sociais e localidades, criando um denso e fragmentado espaço de sociabilização, o chamado *ciberespaço*, lugar de comunicação entre sujeitos mediada por computadores. Para Pierre Lévy (2010) existe para além de uma estrutura “técnica particular de telecomunicações” (p. 126). E para Manuel Castells (2003) é o lugar da comunicação e da organização social, pautado pelo dinamismo de trocas de informação e ideias em

¹ Trabalho apresentado no IJ 06 – Interfaces Comunicacionais, do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de junho de 2015.

² Graduanda do 8º período do Curso de Comunicação Social e bolsista de Iniciação Científica do CNPq. Email: ana.coelho.jornal@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora Adjunta do Curso de Comunicação Social - UFMA. Coordenadora do projeto de pesquisa Comunicação Expandida: entre mudanças de comportamento e possibilidades de novas produções e Bolsista de Produtividade em Pesquisa – Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa no Maranhão/ FAPEMA. Email: patriciaazambuja@yahoo.com.br.



escala global. De alguma forma, é nesse espaço de troca que está situado o nosso objeto, o ativismo digital de mulheres feministas e sua organização em torno da pauta legalização do aborto. que estabelecem reverberações sociopolíticas na atualidade, tendo em vista casos de ativismo, especificamente de movimentos feministas, na web e fora dela discussões e aglutinar pessoas em torno de um tema comum, que aqui no caso são sujeitos de redes feministas pautando o aborto dentro do ciberespaço e fora dele.

Este trabalho em específico, se estabelece a partir do tema aborto nos círculos feministas na internet e suas reverberações públicas, a partir de setembro de 2014, com atenção especial ao dia 28 de setembro, data de luta pela descriminalização e legalização do aborto⁴ na América Latina e Caribe, sendo um dia emblemático de mobilizações.

Especificamente, no ano de 2014, essa movimentação foi marcado por notícias da grande imprensa de mulheres mortas em decorrência de abortos mal feitos em clínicas clandestinas. Fatos concretos que mobilizaram a mídia em geral, as redes de feministas, a opinião pública e, oportunamente, os próprios debates políticos eleitorais naquele ano.

O assunto ainda está nas principais rodas de conversa e parece não se esgotar a movimentar uma quase infinita rede de associações. Considerando esse panorama preliminar - a heterogeneidade de ações e a movimentação constante das redes de relações -, consideramos a necessidade de utilizar uma metodologia de pesquisa que possibilitasse estar em contato com a diversidade de atores, nos possibilitando aprofundar o entendimento dessas interações complexas. Para tanto, e utilizando como referência os trabalhos de Bruno Latour (2005), Fernanda Bruno (2012) e André Lemos (2013), escolhemos a Teoria Ator Rede (TAR) como ferramenta metodológica. Para a TAR, a função do pesquisador é buscar rastros e pistas das ações deixadas pelos agentes (BRUNO, 2012), aqui chamados de actantes, e essas pistas podem ser indícios de associações (e talvez ações diferenciadas) com outra diversidade de actantes. Essas

⁴ Este dia foi escolhido pelas participantes do V Encontro Feminista Latino-Americano e Caribenho, em 1990, na Argentina. Na ocasião, as mulheres discutiram a pauta da legalização e descriminalização do aborto em seus países e a violência contra a mulher, decidiram pelo dia 28 de setembro como o dia de visibilidade da causa, desde então ações ativistas são planejadas todos os anos.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal - RN – 2 a 4/07/2015
associações ficam visíveis em momentos de controvérsia, quando há movimentação dos actantes e sua rede de associações.

Formação de redes de ativismo feminista no ciberespaço

Para autores, tais como, Célia Regina Jardim Pinto (2010), o movimento feminista se difere de outros movimentos sociais por não seguir uma linha bem delimitada de suas pautas e uma direção altamente organizadas. Na realidade, em sua essência, é um espaço de movimentação bem mais livre, fruto de um desenvolvimento através da conjunção entre militância e teoria, produzindo sua própria reflexão teórica onde diversas correntes, ideias, debates e discursos se constituem pela própria pluralidade de teorias existentes.

As reviravoltas e lutas do movimento ao longo da história são de grande importância nos processos de emancipação feminina e alcance de direitos políticos e sociais em um contexto social complexo e excludente. Segundo Leila de Andrade Linhares Barsted (1992) o movimento feminista e pró-aborto no Brasil eclodiu de forma muito forte nos anos 1970, em plena ditadura militar e instauração do Ato Institucional nº 5 – que restringia ainda mais os direitos civis e de imprensa, com caráter de cerceamento político. Nesse momento além de discutir as pautas do movimento, havia a decisão de alinhamento aos grupos de esquerda e combate à ditadura, além de criação de uma identidade, que em princípio deveria extinguir a palavra feminismo de seus documentos. Na clandestinidade, mulheres viam no movimento uma forma de libertação das amarras que o sistema as impunha, amarras que refletiam diretamente em seu poder de escolha, domínio sobre o próprio corpo, e suas decisões como cidadãs

A luta veio sempre permeada por debates de concessão do direito por partes, casos de exceção à lei, que aos poucos foram sendo analisadas pelo estado, mas sempre com a figura religiosa com grande poder de influência. Os embates dentro e fora do legislativo eram sempre muito delicados já que o tema não é tratado pela grande mídia e muito menos pela população de forma aberta e informativa. As pressões do movimento acabaram por surtir efeito quando concessões foram anunciadas, como: aborto legal e pelo Sistema Único de Saúde (SUS), nos casos de anencefalia do feto, abuso sexual, ou



risco de vida para vida. Mas o direito integral ainda é discutido, porém, a pressão de grupos mais conservadores impede que o debate tome rumos.

O feminismo enquanto um movimento plural e polifônico, ou seja com uma diversidade de correntes, teorias e pautas, encontrou na internet um amplo espaço de trocas de informação, conhecimento e estratégias de embate, além de apoio entre as próprias mulheres, o que fortalece ainda mais sua combatividade, em uma escala com potencial global de comunicação. A importância das ferramentas digitais para as militantes fundamenta-se basicamente na ideia de colaboratividade, que pode ser observada em exemplos simples tais como grupos de mulheres que se organiza com o objetivo de traduzir textos, com a meta de produzir “traduções independentes, voluntárias e coletivas de textos que possam de alguma forma ser úteis pro debate feminista”, caso do grupo *Traduções Femininjas*⁵. As ações de ativismo só se concretizam se houver colaboração e empenho, além da própria autonomia dos que se propõem a participar. A dinâmica de trabalho normalmente se estabelece pelo apoio voluntário, troca de experiências de vida, construção conjunta de materiais de propaganda das pautas, seja com textos, imagens ou vídeos. As conexões entre esses indivíduos e o uso cada vez mais intenso de ferramentas disponibilizadas pela comunicação via computadores é essencial para a construção de uma rede cada vez mais atuante e alerta a qualquer acontecimento.

Um evento, em específico, a *Marcha das Vadias (SlutWalk)* pode demonstrar a complexa rede de influências e objetivos possíveis a partir do uso de algumas ferramentas digitais. Um evento ocorrido no Canadá, - onde um policial durante uma palestra orienta as jovens sobre os constantes casos de estupro a não se vestirem como ‘vadias’ se não quiserem ser estupradas, o que causou revolta entre as jovens presentes, gerando repercussão e ações concretas, ainda que com forte oposição, em vários lugares do mundo.

Cartografia das Controvérsias

⁵ Página no Facebook: <https://www.facebook.com/traducaofemininja?fref=ts> e Tumblr: <http://traducaofemininja.tumblr.com/>



A partir desse panorama geral percebemos um campo de trabalho complexo e com múltiplas possibilidades de conexões entre atores, além de uma movimentação bastante intensa em diversos seguimentos da internet, formando uma diversidade de redes. Seja por orientação teórica, caminho percorrido dentro do feminismo, vivência e outras questões, contribuem para percepção de uma rede heterogênea de actantes, intenções e ações práticas.

Considerando o cenário preliminar e a necessidade de compreender como se estabelecem esses laços e ações a partir de redes digitais, encontramos na metodologia Teoria Ator-rede (TAR) uma opção interessante por criar condições de ir além da visualização e padronização das conexões citadas, mas conseguir transcendê-las e tornar visível uma cartografia de processos e um novo e minucioso olhar sobre o objeto.

A Teoria Ator-rede, filiada ao campo de estudo chamado “Ciência, Tecnologia e Sociedade” (CTS), no Centre de Sociologie de l’Innovation (CSI) da École Nationale Supérieure des Mines, em Paris, trouxe à tona discussões atravessadas por diferentes áreas, entre elas a Sociologia e as Ciências Exatas, configurando um campo que tem entre os seus objetivos o tratamento das inovações científicas e tecnológicas.

Para Bruno Latour (2001), a produção do conhecimento se dá em rede e não com base em ideias pré-estabelecidas. A rede portanto é uma ferramenta metodológica capaz de produzir realidades, assim como, o conceito de mediação, que para Latour (2001) não significa interlocução pura, mas elemento de articulação na rede de possibilidades existente. Nessa ideia consiste a primeira fonte de incerteza de Latour (2005), o importante não é identificar (ou padronizar) do que os grupos são formados, mas conectar as suas configurações em fluxo, acentuando o sentido de ação.

Autores como Tomaso Venturini (2014) e André Lemos (2013) apresentam com método de aplicação da TAR. "Onde há estabilizações, só há intermediários. Onde há controvérsias, há mediadores, actantes. Conseqüentemente, a CC pode ser entendida como um método de pesquisa para revelar as mediações" (p.105). Fernanda Bruno (2012) trata desse assunto, no âmbito das redes sociais digitais, como procedimento que



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da
ComunicaçãoXVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal - RN – 2 a 4/07/2015
busca revelar, pelos rastros deixados na internet, conhecimentos de ações humanas e
sociais.

Deste modo, além e aquém das informações pessoais que divulgamos voluntariamente na rede (*posts*, dados de perfil, conversações no Twitter ou no Facebook) toda ação – navegação, busca, simples cliques em links, *downloads*, produção ou reprodução de um conteúdo – deixa um rastro, um vestígio mais ou menos explícito, suscetível de ser capturado e recuperado (BRUNO, 2012, p.687).

Quando falamos de TAR, surge a possibilidade prática da Cartografia das Controvérsias, que em tese seria uma forma de visualização das controvérsias e do objeto para além da própria descrição do pesquisador. Para Venturini (2014), “the cartography of controversies has somehow served as an educational version of Actor-Network Theory (ANT)” (p. 2). É uma ferramenta metodológica da própria TAR, mesmo que seja mais didática que a própria TAR, guarda desafios que devem ser superados através da observação sempre minuciosa do objeto, isso quer dizer que a observação e seu retrato deve ser tão complexo quanto o objeto.

Essa cartografia é formada então por controvérsias, que são tão e simplesmente, conflitos, esses que podem existir entre humanos e não humanos. São conflitos, contradições, pontos nos quais existe discórdia e nesse instante as associações entre os actantes são perceptíveis, rastreáveis, visíveis. A investigação do objeto se dá nesse momento, e o desenvolvimento do seu mapa acontece a partir da investigação minuciosa de suas implicações.

Fernanda Bruno (2012) afirma que, para apresentar uma rede de associações, é necessário o estabelecimento de mecanismos de busca e monitoramento de ações, além da própria organização de dados, que se apresentam em montantes cada vez maiores, conforme as ações dos atores vão nos deixando pistas e registros. A busca e o registro desses rastros se torna o nosso material de estudo sobre o espaço de movimentação dos diversos atores envolvidos na trama do nosso objeto. O relato se estende como uma colcha de retalhos, pistas sendo ligadas e conectadas.



Inversamente proporcional ao volume de informações visíveis nas situações de análise preliminares, identificamos forças internas que buscam consolidar verdades absolutas, inquestionáveis. Em alguns casos a palavra aborto está associada à assassinato de crianças, em outros, a proteção à vida das mulheres. E essa heterogeneidade de opiniões nos levam a perceber a necessidade de relacioná-las, para assim então termos contato direto com o tema de uma forma mais plena. Portanto, são as contradições que identificam o trabalho da rede de ciberativismo feminista, que através de ações constantes, busca relacionar movimentos, opiniões, fatos ou comentários desprezíveis sobre o tema, sempre presentes nos meios de comunicação. Assim, nesse caso especial, em torno do dia latino americano de legalização e descriminalização do aborto, partimos de uma caixa preta, isto é, um pensamento "socialmente" aceito que relaciona a palavra aborto exclusivamente à ideia de assassinato. Enquanto, uma postagem em mídias sociais com *link* para artigo, nos apresentava relatos de mulheres que passaram por momentos parecidas, bem como, a divulgação da campanha de organização brasileira e, aparentemente, colaborativa, que virou nosso principal agente nesse estudo.

Para Bruno Latour (2001), o conceito de caixa-preta busca relacionar fatos ditos incontestáveis com a possibilidade de neutralizar incertezas ao seu redor. Neste caso, o artigo apresentava o ponto de vista de mulheres que já passaram pela situação de decidir por um aborto ou não, ou de correr risco de vida em decorrência do procedimento. E com isso, o método proposto - a Cartografia das Controvérsias - deixa a cargo de alguma polêmica a possibilidade de abri-la.

As controvérsias podem surgir de um debate, um novo acontecimento que reverbera nas associações, tornando-as visíveis à observação. Para André Lemos (2013), “pelos controvérsias que vemos o social em sua tensão formadora” (p. 55) Essas tensões são o que os observadores buscam descrever, e são o que possibilitam entender as associações e seus objetivos. A partir, do instante que essas tensões, as controvérsias, se estabilizam, chamamos esse conjunto de caixa-preta, que são o instante e o local de mais calma, onde as tensões parecem estar resolutas ou ao menos adormecidas, para em algum instante serem novamente despertadas.



Trataremos nossa pesquisa como uma caixa-preta, onde a abrimos, e vamos buscando, através da coleta de dados nos períodos de ação, os recortes, as associações, os contextos e os agentes, na tentativa de descrever os processos sem esgotá-los naquele instante, mas sim, entendendo que podem vir a existir novas controvérsias causando novas tensões.

A investigação se dá no momento em que as controvérsias são estabilizadas, se tornam caixas pretas, a partir do instante em que ocorre dessa forma as contradições são mais visíveis e é possível fazer as ligações necessárias para compreender a movimentação dessa rede, a controvérsia é o momento em que a movimentação dos actantes fica mais evidente e permite localizar a circulação de informação e o envolvimento, ‘a circulação da agência, a mediação, as traduções entre actantes, a constituição de intermediários, as relações de força, os embates antes de suas estabilizações como caixas-pretas’ (LEMOS, 2013,)

Ciberativismo feminista e algumas de suas controvérsias

Desse modo, o nosso objeto de estudo se encontra em uma zona permeada por uma grande diversidade de questões, associações, sejam técnicas ou sociais. Especificamente, em relação ao ciberativismo feminista, percebemos diversas redes de controvérsias que marcam sua luta em uma constante sucessão de embates. O que é primordial na escolha de objeto para a TAR, essa possibilidade de compreender, visualizar e rastrear controvérsias. Abrir essa caixa-preta requer o rastreamento dessa diversidade, mas aqui propomos esse recorte de ações rastreadas bem como suas controvérsias.

Os conflitos existentes não significam necessariamente diálogo (VENTURINI, 2014), mas pontos de discórdia que vão se aglomerando extendendo a rede de relações. Venturini exemplifica através do aquecimento global e tudo o que o envolve, a discordância entre a vida de animais do ártico e ar condicionado, o contrasenso entre os dois agentes, o que os tornam pontos de conflito. A controvérsia é o conflito e a discórdia. Dentro do nosso objeto, na própria rede de associações da palavra aborto



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal - RN – 2 a 4/07/2015 encontramos muitas discordâncias, e quando inserimos o próprio ativismo feminista incorporamos outra carga, implicando em uma rede com diversidade de conflitos.

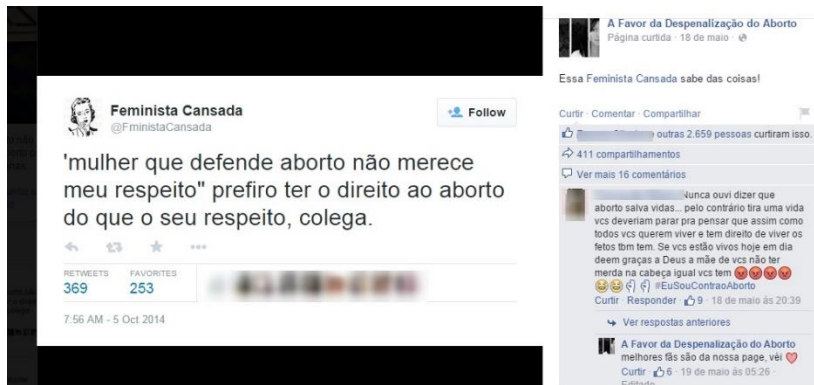


Figura 1 Esta imagem foi retirada da interação na página de Facebook 'A favor da despenalização do aborto'. Nesta postagem em específico, foi utilizado imagem de um tuíte que ironiza opiniões contra o aborto e logo mais nos comentários opiniões controversas

O tema, em meados do ano 2014, foi marcado pelo cruzamento heterogêneo de ações, pautas, grupos vinculados, interesses individuais e coletivos. O dia 28 de setembro, considerado o dia latino americano de luta pela descriminalização e legalização do aborto - interrupção voluntária da gravidez - busca marcar o entendimento de uma pauta que corresponde aos direitos reprodutivos das mulheres e, dessa forma, faz parte das discussões de círculos feministas. Diversos grupos, ONGs e coletivos planejam ações, conjuntas ou não, para a data. Em nossa rede, escolhemos o site '28 dias pela vida das mulheres' no qual haviam postagens diárias, do dia 1º ao dia 28 de setembro, o sendo definido coletivamente, a equipe planejou o site como forma tanto de trazer visibilidade ao dia como trazer informação sobre a temática, mas principalmente, lançar o filme *Clandestinas* (23''51')⁶. Renata Correa, roteirista do filme relata que as decisões em torno do site foram coletivas e o conteúdo buscava trazer informação, além de depoimentos de mulheres e suas experiências com o aborto.

São informações que apontam para a campanha de um ponto de vista de quem sofre ou sofreu o risco, não somente de especialistas, ou pessoas que trabalham em ONGS que é o que normalmente ocorre nos espaços de mídia tradicional.

⁶ O Filme está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AXuKe0W3ZOU>



O caminho percorrido até o site começou através da própria *timeline*, onde, a partir das escolhas realizadas por interesse, o link visto na timeline nos leva a um artigo escrito por Vanessa Rodrigues, no site Blogueiras Feministas, site de convergência de diversas blogueiras e ativistas feministas em textos de assuntos diversos. Nesse mesmo artigo, a autora nos convida a conhecer o site e a nos engajar na campanha “28 dias pela vida das mulheres”. Clicando no link que leva ao site, encontramos a seguinte proposta: 28 postagens, uma para cada dia de setembro até o dia 28, dia de luta pela Descriminalização e Legalização do Aborto na América Latina.

A roteirista nos explicou ainda que as ações foram decididas com base em seminário realizado na Fundação Rosa Luxemburgo em São Paulo, onde mulheres se reuniram para discutir sobre os direitos reprodutivos da mulher, ao final da discussão foi deliberado que cada uma faria uma intervenção em sua comunidade para visibilizar o 28 de setembro. A escolha dela foi o filme, no qual houve o envolvimento de várias outras pessoas no processo.

O site parecia direcionar a campanha através de 3 hashtags #AbortoLegal #28set e #LegalizaOAborto, são tags que já foram utilizadas em anos anteriores (como uma rápida busca no Twitter pode demonstrar), mas que esse ano houve maior visibilidade justamente pelo volume de casos de mulheres mortas aparecendo na mídia brasileira. Daí por diante, seguimos acompanhando o desenrolar dos dias e as próprias movimentações que eram várias, o que nos levou a uma coleta de dados a partir das hashtags, com informações dos usuários do Twitter que utilizaram as 3 hashtags, a partir do site de coleta de dados *Rowfeeder*⁷

⁷ Plataforma de monitoramento, de serviço pago, disponível no link <https://rowfeeder.com/>



Figura 2 Nesta imagem apresentamos parte dos tuítes com a tag #LegalizaOAborto disponibilizada pelo próprio site Twitter. É perceptível o engajamento das ativistas e o uso de links e conteúdo multimídia

Como a data é emblemática e faz parte do calendário feministas, diversos grupos e coletivos participam da discussão, com ou sem ligação, com ou sem ação conjunta, existe algum tipo de ação. Essas ações são escolhidas de acordo com suas estratégias e sua própria localidade e realidade. Para as ativistas digitais seria acompanhar tags e tornar o assunto o mais discutido possível dentro do universo do ciberespaço, disputando espaço, mentes e corações.

Atividades pela visibilização da pauta na sociedade acontecem todo dia 28 de setembro desde 1990. Com o desenvolver dos anos e o crescimento do movimento feminista fizeram com que outras táticas fossem agregadas e utilizadas e como o movimento é de fato plural e fragmentada, cada grupo, corrente, escolhe trabalhar a pauta de uma maneira. E o domínio de dispositivos de comunicação são essenciais, seja com material meramente informativo ou na criação de plataformas de diálogo com mulheres que sofrem com a questão.

Nesse quesito, as plataformas digitais se tornam um caminho de ampliar a voz dessas mulheres e garantir-lhes maneiras diversas de agitação e propaganda da pauta. Portanto, a escolha de tags para uso em sites de redes sociais é uma questão interessante. As



hashtags garantem a localização de um tema em rede, o seu rastreamento e, principalmente, sua contextualização (RECUERO, 2003), isso quer dizer que é possível organização e diálogo através desse recurso, o que possibilita a própria troca entre esses grupos diversos de materiais, substanciando o embate com grupos contrários a pauta.

Além disso, o fato de capas de jornal desde o mês de agosto com notícias de mulheres assassinadas, vítimas de grupos organizados que trabalham com abortos clandestinos ocuparam diversos espaços da imprensa nacional, causando comoção e criando em torno um debate sobre a legalização do aborto.

Mas nessa mesma circunstância o IBGE lança pesquisa⁸ encomendada pelo Sistema Globo de Comunicações, no qual 78% dos brasileiros afirmaram serem contra a legalização do aborto, índice igual ou superior a outros temas como a legalização da maconha (79% são contra) e casamento gay (53% são contra), possuiu o maior índice de rejeição entre os temas citados. Para não perder o eleitorado os três principais candidatos se absteram, até que outros candidatos fizeram com que eles viessem à tona, como foi o caso de Luciana Genro (PSOL) e o candidato Eduardo Jorge (PV), ambos provocaram temas polêmicos no debate forçando um posicionamento, principalmente sobre o aborto e o casamento gay.

É possível perceber o quanto o tema gera distanciamento e desconforto na maioria da população, essas controvérsias identificadas no objeto apontam justamente para as contradições sociais existentes, os anseios e opiniões diversas. É uma luta que parece ir contra a opinião pública e coloca em cena um novo contraponto, até então difícil de ser encontrado nos debates, a mortalidade de gestantes no Brasil em clínicas de aborto clandestinas ou em processos arriscados.

O tema está em alta, e desafia não só a sociedade a repensar a saúde da mulher, mas também desafia o campo legislativo, quando projetos de lei com essa temática volta e

⁸ Pesquisa do IBOPE, recentemente divulgada, aponta que 79% dos entrevistados são contra o aborto. A pesquisa foi encomendada pelo Sistema Globo de Comunicação ao Tribunal Superior Eleitoral, e buscou identificar os possíveis temas para os debates entre os presidentiáveis, ao longo das campanhas eleitorais de 2014. Disponível no link <http://pesquele.tse.jus.br/pesquele/publico/pesquisa/Pesquisa/visualizacaoPublica.action?id=24566>



meia permeiam deputados e sua base. Isso significa, que existem questões políticas severas.

Quando o atual presidente da câmara dos deputados, casa legislativa, declara em entrevista à grande imprensa que a pauta de legalização do aborto “Vai ter que passar por cima do meu cadáver pra votar”⁹, ele declara que projetos como esse não serão votados enquanto ele for presidente da casa, desafiando ativistas, instituições, ONGs e parlamentares com afinidade com a causa, não se habilitando a ouvir. Para ele, e outros parlamentares, é uma proposta que não atende aos anseios sociais da maioria da sociedade brasileira.

Esse posicionamento, embora tente forçar algum tipo de tapume e impedir que o assunto e a temática se estenda para além das rodas dos grupos ativistas, agita as redes desses grupos, tornando o assunto ainda mais vivo, quente e ainda em discussão, pela pressão que cada grupo desenvolve sobre o outro. Estamos diante de um embate entre ativistas, setores sociais que trabalham para que a pauta permaneça viva até atingir seus objetivos, contra uma câmara de deputados que se exime da obrigação de ouvir-lhes e uma porcentagem de 79% da população que ainda se posiciona contrária.

O deputado Jean Willys, identificado anteriormente em nossa pesquisa, como um usuário do Twitter que usou as tags e que possuía um grande número de seguidores, lançou projeto em abril deste ano, no qual especifica a regulamentação do aborto eletivo. Especifica, ainda, que o aborto deve ser feito nas unidades do Sistema Único de Saúde (SUS), gratuitamente, acessível e com equipe especializada.

O projeto foi elaborado juntamente com outras entidades e movimentos sociais, às quais o deputado possui em sua base de governo, e como apoiadores de seu mandato. Parece surgir então, uma resposta prática à câmara: existe um projeto que está na fila de votação.

⁹ Entrevista publicada em 09 de fevereiro de 2015 no jornal O Estado de São Paulo, pode ser visualizada através do link <http://brasil.estadao.com.br/blogs/estadao-rio/aborto-so-vai-a-votacao-se-passar-pelo-meu-cadaver-diz-cunha/>



Ainda que, os grupos feministas citados anteriormente não tenham ligação com o deputado, é de se verificar que existe algum tipo de afinidade de posicionamento, o que não necessariamente seria de interesses. O que explicita a controvérsia na formação de grupos com pautas semelhantes, interesses e técnicas distintas e, até mesmo, orientação ideológica.

O assunto também virou pauta dos programas Profissão Repórter¹⁰ e Observatório da Imprensa¹¹, tratando a temática das clínicas clandestinas de aborto e as mortes causadas pelos erros nos procedimentos. Os programas foram exibidos em períodos bem próximos, menos de vinte dias de diferença, e apresentam diferenças grandes em sua abordagem, desde as fontes utilizadas até o enfoque. O primeiro privilegia a questão policial da ilegalidade com o desmantelo das clínicas, sempre ressaltando enquanto um risco à vida uma interrupção da gestação de forma voluntária. No segundo o enfoque se deu na análise da abordagem feita pela mídia nesses casos e, principalmente, o que fontes especializadas, que trabalham com a pauta a bastante tempo têm a dizer, apresentando um programa crítico ao sistema político e à imprensa.

Essas diferenças de enfoque em programas que tratam o mesmo tema, parecem ser reflexo de sua própria complexidade. Na realidade, temos enfoques e opiniões diversas não só entre ativistas feministas mas por toda a Internet, onde encontramos toda a sorte de opinião e argumentação. São conexões vistas ainda de maneira um tanto superficial, mas que já declaram a natureza do objeto: uma caixa preta que pode fazer surgir diversas outras caixas pretas.

Considerações finais

Essa possibilidade significa tão e simplesmente, que um objeto não se esgota em si, não se esgota no tempo e no olhar de um pesquisador por exemplo, estabilizado ou não, com

¹⁰ O programa foi ao ar no dia 28 de outubro de 2014 em meio a diversas ações da polícia no desmantelo de clínicas clandestinas de aborto. Disponível no link: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2014/10/uma-em-cada-cinco-brasileiras-ate-40-anos-fez-pelo-menos-um-aborto-ilegal.html>

¹¹ O programa foi ao ar no dia 07 de outubro de 2014 e analisa o papel da mídia diante dos casos de desmantelo de clínicas clandestinas de aborto. Disponível no link: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2014/10/uma-em-cada-cinco-brasileiras-ate-40-anos-fez-pelo-menos-um-aborto-ilegal.html>



suas controvérsias em consenso ou não, haverá associações. Assim, temos uma narrativa e desenhar os traços e complicações dessa história só nos parece possível a partir dos pontos de controvérsia, nos quais as ações parecem ser mais evidentes, no lugar onde os atores (diversos em sua natureza) deixam rastros, evidências de suas ações.

É perceptível a existência de uma diversidade de campos e sua complexidade, que no espaço de um artigo simples ficam difíceis de serem aprofundados ou inserir mais agentes. Para nós o objeto se torna um exemplo prático das orientações da TAR, onde se percebe que as redes não se esgotam em si, elas se estendem em outras redes em processos quase infinitos de associações.

REFERÊNCIAS

- BARSTED, Leila de Andrade Linhares. **Legalização e Descriminalização do Aborto: 10 anos de luta feminista**. Artigo apresentado no Seminário Nacional Realidade do Aborto no Brasil, 1992. Disponível no link: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/15804/14297>
- BRUNO, Fernanda. **Rastros Digitais sob a perspectiva da Teoria Ator-rede**. Revista Famecos, 19(3). 2012. Disponível no link <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12893/860>. Acessado em 12 de setembro de 2014.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. [Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges] – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003;
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013;
- JOHNSON, Steven. **Emergência: a dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares** [Trad. de Maria Carmelita Pádua Dias; Rev.Téc. Paulo Vaz]. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003;



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da

Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal - RN – 2 a 4/07/2015

LATOUR, Bruno. **A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. São Paulo: Edusc, 2001.

_____. **Reassembling the Social: an introduction to actor-network-theory**. New York: Oxford University Press, 2005.

_____. **Reassembling the Social: an introduction to actor-network-theory**. New York: Oxford University Press, 2005.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas: Teoria Ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. [Tradução de Carlos Irineu da Costa]. São Paulo, Editora 34, 2010. 3ª Edição;

ORTIZ, Anderson. **Enxame gera conhecimento? Sistemas emergentes, opinião pública e cognição**. in: REGIS, Fátima; ORTIZ, Anderson; AFFONSO, Luíz Carlos;

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder**. Revista Sociologia Política, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível no link: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas**. 2.e.d. São Paulos: Martins Fontes, 2005.

TIMPONI, Raquel (org.). **Tecnologias de comunicação e cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

VENTURINI, Tommaso; LATOUR, Bruno. **Le tissu social: traces numériques et méthodes quali-quantitatives**, 2010. Disponível no link: http://www.tommasoventurini.it/web/uploads/tommaso_venturini/LeTissuSocial.pdf.

VENTURINI, Tommaso; **How to Explore Controversies with Actor-Network Theory**, 2014. Disponível no link: https://priscillacalmon.files.wordpress.com/2014/01/diving_in_magma.pdf